

Nova Orquestra
leva funk a seu
repoertório



PÁGINA 3

Março chega
com novidades
no streaming



PÁGINAS 4 E 5

Simone Kalil
leva gafes ao palco
em monólogo



PÁGINA 6

2º CADERNO



Divulgação

‘Minha casa é uma mochila de viagem’

Bruce Dickinson, do Iron Maiden, lança seu primeiro disco solo desde 2005

Por André Barcinski (Folhapress)

Bruce Dickinson não para: além de viajar o mundo todo como vocalista da banda Iron Maiden, o sujeito escreve livros e roteiros, apresentou programas de rádio e TV, e é

piloto de avião.

Na sexta (1º), lançou seu sétimo disco solo, “The Mandrake Project”, o primeiro desde 2005, e no mês seguinte inicia uma turnê solo de 50 shows por México, América do Sul e Europa, com sete apresentações no Brasil. “Minha casa é uma mochila de viagem”, diz o cantor de 65 anos.

“The Mandrake Project” traz canções novas, além de algumas que Dickinson e seu fiel parceiro musical, o guitarrista e compositor Roy Z, tinham guardadas há tempos. “A mais antiga delas, ‘Immortal Beloved’, tem pelo menos 25 anos”, diz o cantor.

“Gravei a letra da versão original de uma

vez, de improviso, em uma tomada, numa onda de fluxo de consciência em que as palavras simplesmente saíram da minha cabeça. Já a música ‘Shadow of the Gods’ tem 20 anos, estava concluída em 2014, mas ficou guardada até agora.”

Nos últimos dez anos, Dickinson passou por maus bocados: em 2014, foi diagnosticado com câncer na garganta causado, segundo ele mesmo, pela prática do cunnilingus, mas felizmente foi salvo pela quimioterapia. Depois, pegou Covid, mesmo estando vacinado. “Foram anos complicados com o câncer, depois a Covid e todo o trabalho com o Iron Maiden, então deixei

minha carreira solo um pouco de lado.”

Agora, Dickinson está numa de suas fases mais produtivas. Além do disco novo, escreveu uma revista em quadrinhos com o mesmo nome do disco, que será dividida em 12 edições agrupadas em três graphic novels, a primeira delas com lançamento em dezembro de 2024.

“Quando pensei na história de “The Mandrake Project”, minha primeira ideia era fazer um filme”, diz o cantor. “Escrevi o tratamento, mas concluí que fazer um filme daquilo ficaria absurdamente caro, teria de ser uma megaprodução hollywoodiana. Um amigo sugeriu fazer uma revista em quadrinhos.”

Continua na página seguinte



Divulgação

Bruce Dickinson no lançamento da cerveja The Trooper que leva o nome de um dos grandes sucessos da banda



Divulgação

A história em quadrinhos de 'Mandrake Project' mostram o cuidado de Bruce Dickinson com sua arte

Reprodução Instagram

Bruce Dickinson conta que escreveu canções a partir da história do gibi, que, ouvidas em determinada ordem, levam o ouvinte numa jornada musical e emocional, do início ao fim do álbum.

Os dois videoclipes já lançados com faixas do disco, "Afterglow of Ragnarok" e "Rain on the Graves", evidenciam o cuidado visual com que Bruce Dickinson trata sua arte.

O primeiro é um verdadeiro filme de ação, cheio de efeitos especiais criados por computação gráfica, enquanto o segundo, filmado em preto e branco, é um tributo ao cinema de horror dos anos 1950 e 1960, do qual Dickinson é fã. Ele próprio interpreta um pastor que encontra uma mansão assombrada.

"Filmamos na Cornualha, numa antiga propriedade que parecia mesmo um cenário de filme da Hammer [antiga produtora britânica de filmes de terror]. O lugar tinha até um cemitério, que decoramos com mais cruzes e lápides." O "novo" cemitério incluiu a sepultura de um autor que Dickinson ama: o poeta britânico William Blake.

Dickinson adora incluir em suas músicas e clipes citações a livros e filmes. Tanto no Iron Maiden quanto na carreira solo, Dickinson é um contador de histórias.

"Em 'Many Doors to Hell' [canção do álbum 'The Mandrake Project'] conto a história de uma vampira que deseja voltar a ser uma pessoa de carne e osso, para que,

'Não teremos, intencionalmente, cenários, monstros, nada disso, o show é sobre a música'

Reprodução Instagram



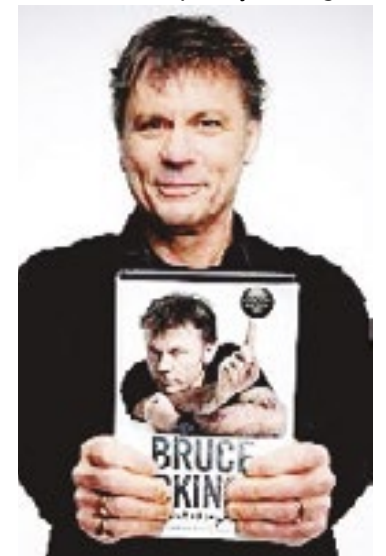
Bruce Dickinson no avião particular do Iron Maiden, pilotado por ele por anos

em vez de beber o sangue de seus amantes, possa fazer amor com eles. Ela quer sentir o que é ter um orgasmo, sentir o que é ter medo da morte e, portanto, valorizar a vida. Mas a única maneira de fazer isso é durante um eclipse", conta.

Sobre os shows da turnê solo, Dickinson se diz muito animado, mas avisa que os concertos não terão os cenários complexos a que os fãs do Iron Maiden se acostumaram.

"Não teremos, intencionalmente, cenários, monstros, nada

disso, o show é sobre a música. Teremos um telão com um visual para cada canção, mas não é um show coreografado, a música vai mover tudo. Nada de playback, nada de bateria eletrônica, nada de samples. Teremos uma banda incrível tocan-



O cantor e sua autobiografia

do tudo que sabe."

Perguntado sobre artistas que admira fora do cenário da música heavy metal, o músico surpreende: "Sabe quem me inspira? Leonard Cohen [cantor e compositor canadense]. Eu simplesmente amo as letras dele. Como era inteligente, e como fazia letras engraçadas e profundas. Também tinha uma voz muito particular", diz.

"Quando tive câncer de garganta, me perguntaram o que aconteceria se eu perdesse totalmente a voz. E eu respondia: Ninguém perde completamente a voz! Ela pode mudar, mas veja Leonard Cohen: ele canta como Pavarotti? Não. E ele precisa cantar como Pavarotti? Não. Ele tem a voz dele, e com ela está contando uma história. E isso é inspirador para mim."

Música de concerto que flerta com o popular

Confirmada no Doce Maravilha, Nova Orquestra incorpora a tradição do funk carioca em suas performances ao vivo

Buscando um olhar mais popular para a música de concerto, a Nova Orquestra anuncia uma série de novidades para 2024, indo desde o funk carioca até Beyoncé. O grupo sinfônico será uma das atrações do festival Doce Maravilha, apresentando um show que celebra o legado do

funk carioca com participações de Buchecha, Deize Tigrona e Gabriel do Borel. Além disso, a agenda movimentada inclui uma apresentação tocando Beyoncé em abril, seguida por uma turnê por diversas cidades apresentando pagode dos anos 90 em formato sinfônico.

Desde sua criação em 2019, a Nova Orquestra tem se destacado



A Nova Orquestra durante apresentação no Circo Voador

não apenas como uma instituição musical, mas como uma verdadeira marca de inovação e impacto no mercado da música. Ao longo dos últimos cinco anos, a Nova Orquestra consolidou sua presença nos principais festivais do país, como Rock in Rio 2019 e 2022 e The Town 2023, além de colaborar com renomados artistas da música

brasileira, como Pitty, Baco Exu do Blues e Jão. Com mais de 70 concertos realizados por todas as regiões do país e no exterior, cativou mais de 500 mil pessoas em apresentações ao vivo e alcançou milhões digitalmente, evidenciando seu potencial e influência.

Agora, a Nova mira ainda mais alto. A orquestra vem na esteira de

um 2023 de muitas realizações, desde parcerias estratégicas com a Hurst Fundo de Investimento e uma tour internacional até turnês nacionais patrocinadas pela Vale, que incluíram shows dedicados aos repertórios de Backstreet Boys e Rita Lee. Para completar, lançou um EP com a banda de rock alternativo Menores Atos.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Soul, rock & house

Carioca radicado em Portugal, o rapper Decola lança sua terceira mixtape “Sonnartrap”. O trabalho é uma evolução da sonoridade sombria do anterior “Rock n’Radar”, de 2023. O novo trabalho usa como ponto de partida um pop sombrio e subgêneros do trap como Rage e Plug. As letras do rapper refletem suas lutas pessoais com saúde mental, desemprego e o luto e a busca por um escapismo. Suas composições equilibram sátira com temas sérios, ambientadas em batidas que mesclam soul, rock e house music.

Divulgação



Divulgação



No clima do Brooklyn

Unindo o boom bap com as pistas de dança, o produtor e DJ FatSync une as batidas eletrônicas ao clima da cultura hip hop das ruas de Nova York em seu novo single, “Bed Stuy”. A faixa surgiu de um modo desprezioso, inspirada na série “Todo Mundo Odeia o Chris”, e canalizou a energia das rodas de amigos no antigo Brooklyn. Aos 25 anos, FatSync é um dos nomes em ascensão na música eletrônica brasileira contemporânea. Vencedor do prestigioso prêmio C.R.I.M.E 2023, o artista obteve reconhecimento global, com sucesso em países como Coreia do Sul, Reino Unido, EUA e Rússia.

Divulgação



Um reggae raiz

Depois de esgotar shows por todo o Brasil com “Tudo Vira Reggae” e uma turnê inédita na Oceania, o Maneva anuncia seu novo single autoral “A Solidão”. O novo projeto chega em todas as plataformas digitais, celebrando uma nova fase marcada por mais autenticidade, faixas inéditas e letras envolventes. Falando sobre amor e libertinagem, a banda caminha pelas raízes do reggae e desbrava novos caminhos do pop. “Prezamos muito pelo autoral. ‘A Solidão’ é uma letra super atual com uma sonoridade e musicalidade 100% Maneva novamente”, completa o baterista Fabinho Araújo.

CORREIO CULTURAL

Divulgação TV Record



Record quer levar audiência de 'Reis' para plataforma

Record testa força de seu streaming com novela

Por determinação da Igreja Universal do Reino de Deus, a décima temporada da novela bíblica "Reis", exibida pela Record desde 2022, terá uma estreia antecipada no streaming da Igreja.

Ou seja, a emissora aberta servirá de segunda janela para uma plataforma religiosa. Trata-se do Univideo, lançado em 2016 e que é de-

dicada para fiéis da agremiação pentecostal.

No streaming religioso, a nova fase de "Reis" começa no dia 4 de abril, com três capítulos exclusivos disponibilizados. Na Record, a nova fase da história só vai começar em 22 de abril. Deixar a TV aberta como uma segunda janela causou surpresa até dentro da emissora.

Em alta

O Brasil bateu recorde de projetos premiados na edição 2024 do iF Design Award, a mais importante distinção do setor do mundo. Ao todo, foram 71 projetos brasileiros premiados, incluindo três iF Gold Award, o troféu mais cobiçado da competição.

Rock in Rio

Travis Scott foi confirmado como principal atração do primeiro dia do Rock in Rio 2024. Ele fecha a noite do Palco Mundo em 13 de setembro. A organização também anunciou a banda OneRepublic e da cantora sueca Zara Larsson no dia 14.

Novos projetos

O Grupo In Cena anuncia seus dois primeiros musicais profissionais de 2024: o infantil "Tumpatatum", que estreia, em maio, na EcoVila Ri Happy, e o adulto "República Lee – Um musical ao som de Rita", com temporada, em julho, em São Paulo.

Fábrica de docs

O cineasta Gabriel Barbosa vai oferecer curso gratuito de Cinema Documentário entre 18 de março a 5 de julho, na Uerj. As inscrições estarão abertas até o dia 8 nas redes sociais da Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação Artística (Coart).

São as águas de março regando os streamings

O terceiro mês de 2024 chega trazendo uma promessa de vida pro coração das plataformas

Divulgação



Mãe Só Há Uma

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Tem filme indicado ao Oscar inédito em circuito. Tem campeão de bilheteria nacional. Tem cult dos festivais. Tem clássicos. O que não falta é coisa boa no garimpo da streaminguesfera nesta arrancada do mês de março nas plataformas digitais. O Correio da Manhã elencou algumas bossas:

FICÇÃO AMERICANA ("American Fiction", de Cord Jefferson): Indicado a cinco Oscars, entre eles o de Melhor Filme, esta ácida comédia de

tintas políticas ganhou o prêmio de júri popular do Festival de Toronto, uma láurea que define futuros sucessos. Inédito em nosso circuito a produção traz Jeffrey

Wright (dublado por Duda Ribeiro) no papel do misantrópico Thelonious Ellison, professor de Literatura e escritor de pouca notoriedade. O boom de romances sobre causas raciais e pautas identitárias fazem com que ele escreva um livro ferocíssimo, fingindo ser um ex-presidiário que faz autoficção. O êxito de sua fake novel tira sua paz no momento em que ele reconfigura sua vida afetiva. Onde ver Amazon Prime



Divulgação

Chi-Raq

Janus Films/Divulgação



Afire

Divulgação



Nosso Sonho

O ASTRONAUTA (“Spaceman”), de Johan Renck: Comediante de maior sucesso de Hollywood de 1998 para cá, Adam Sandler (sempre dublado por Alexandre Moreno) se arrisca uma vez na praia do drama, com tintas sci-fi nesta adaptação do livro “Spaceman of Bohemia”, de Jaroslav Kalfar. Ele vive um cosmonauta tcheco que, na solidão das estrelas, abalado pela incapacidade de preservar

seu casamento com Lenka (Carey Mulligan) começa a ter visões de uma aranha gigante. O aracnídeo vira seu guru. Onde ver: Netflix

NOSSO SONHO – A HISTÓRIA DE CLAUDINHO E BUCHECHA (2023), de Eduardo Albergaria: Ímã de lágrimas, capaz de botar a plateia pra dançar (sentadinha na poltrona), este drama biográfico sobre o duo estrelas do funk



Divulgação

O Astronauta

Divulgação



Ficção Americana

melody nas Américas foi responsável pela maior arrecadação do ano, depois de vender cerca de 550 mil. Produtor na Urca Filmes, Albergaria apostou na ficção inspirado por memórias afetivas de sua mocidade, nos anos 1990, quando Cláudio Rodrigues de Mattos (1975-2002) e Claucirlei Jovêncio de Sousa (aka Buchecha) estouraram nas rádios. Comovente do começo ao fim, sem ser excessivamente melosa um segundo

que seja, a produção apostou no carisma dos atores Lucas Penteado e Juan Paiva, que encarnam os bardos românticos por trás de “Só Love” e “Fico Assim Sem Você”. Onde ver: Telecine Play/ Amazon

MÃE SÓ HÁ UMA (2016), de Anna Muylaert: A realizadora de “Que Horas Ela Volta?” (2015) fez da Berlinale a vitrine para esta reinvenção de um fato policial real, de tons me-

lodramáticos. Na trama, a vida do adolescente Pierre (Naomi Nero) vira de cabeça pra baixo quando ele recebe uma denúncia e é obrigado a fazer um teste de DNA. Após o resultado, ele descobre que a mulher que chamava de mãe não é sua verdadeira genitora e é obrigado a trocar de família, de nome, de casa, de escola... e, quiçá, de identidade de gênero. Onde ver: MUBI

CHI-RAQ (2015), de Spike Lee: O diretor de “Faça a Coisa Certa” (1989) deleitou-se nos códigos do filão musical ao rodar esta versão da peça grega “Lisístrata”, escrita por Aristófanes em 411 a. C., para a Chicago dos dias atuais. O cineasta retrata uma greve de sexo comandada pela namorada de um traficante a fim de diminuir a violência do local. Lisístrata é interpretada por Teyonah Parris, numa narrativa antirrealista, cheia de elementos gráficos característicos dos idiomas digitais da era I-Phone, Twitter e WhatsApp, que marca a volta de antigos parceiros do cineasta como Angela Bassett, Wesley Snipes (memorável na pele do chefe Ciclope) e Samuel L. Jackson, encarnando o narrador do longa. Onde ver: Amazon Prime

AFIRE (“Roter Himmel”), de Christian Petzold: Embalado pelo hit “In My Mind”, do grupo vienense Wallners, o novo longa do diretor de “Phoenix” (2014) e de “Undine” (2020) presta tributo à literatura numa articulação entre a arte da escrita e a arte do viver. Sua habitual parceira, a atriz Paula Beer, brilha no papel da misteriosa hóspede de uma casa no litoral, numa fase alta de calor, onde um aspirante a escritor, Leon (Thomas Schubert), anseia por uma avaliação de seu editor. Mas há incêndios ao redor, na mata, acossando os moradores e visitantes. Haverá um incêndio dentro dele também, mexendo com sua incapacidade de amar. Ganhou o Grande Prêmio do Júri na Berlinale 2023. Onde ver: Reserva Imovision

Paulo-Roberto Andel

A jovem que não disse adeus

Por alguns meses de 1973, morei com meus pais em Cascadura. Até hoje sei qual é o prédio e, se não estiver enganado, morei no penúltimo andar, sem elevador e com poucos andares. Estudei no Colégio Pinguinho de Gente, o primeiro em minha vida, ali perto. E foi em Cascadura que, pela primeira vez, me lembro de ter tirado fotos coloridas com minha mãe. No mesmo prédio, minha mãe inventou minha primeira namorada, Ilana. Eu tinha cinco anos.

Eu tinha a Lúcia, que cuidava de mim. Lembro que ela falava pouco e ria bastante, mas envergonhada. Colocava a mão na boca e ria. Acho que tinha vindo de Minas. Naqueles tempos todos fazíamos refeições à mesa juntos. Ela não era uma funcionária, uma babá, mas uma familiar. E minha mãe pensava o mesmo: lembro vagamente de tentar demovê-la de usar o uniforme que a Lúcia fez questão na hora da contratação, sem sucesso.

Minha mãe, cuja vida dá um livro dos bons, humilde e sofrida, precisava de uma funcionária mas nem de longe agia como uma patroa: tivemos várias em casa e testemunhei. Mas dela minha mãe gostava demais.

Numa manhã, Lúcia desceu para fazer compras. Já tínhamos tomado café, eu não tinha aula por algum motivo. Minha mãe lhe deu a lista e o dinheiro, ela desceu mas antes fez questão de colocar o uniforme, que a mãe detestava. E desceu. Lá perto, no Largo de Cascadura, tinha algum supermercado.

O tempo começou a passar, Lúcia não voltava. Minha mãe, bem nervosa, me puxou

pela mão e descemos para procurá-la. No caminho, comprou fichas para telefonar no orelhão e pedir socorro a meu pai. Quando escureceu, eles me deixaram na vizinha, a mãe da Ilana, e foram à delegacia. Os dois desesperados e tristes.

“Minha senhora, como é que eu vou saber de uma empregada que sumiu? Isso é coisa de homem, fugiu de paixão”. (Uma resposta tão estúpida que tem tudo a ver com o Brasil negacionista). Quem ia contestar policiais numa delegacia em plena ditadura de Médici?

Voltaram desolados. No dia seguinte, meu pai não foi trabalhar: peregrinou pelo bairro em busca de alguma pista. Ninguém sabia dizer, ninguém viu, ninguém sabia. Eu fiquei triste mas em minha ingenuidade de criança achei que ela logo voltaria. E minha mãe chorava, chorava, aquilo me deixava tão triste quanto agora, quando relembro o acontecimento. Ela desapareceu com a roupa do corpo, deixou suas coisas, documentos, nenhum contato de parentes, nada além de alguém dizer que era de Minas. Nada. Muitas vezes depois, minha mãe chorou ao recordar a história. Até meu pai, que muitas vezes abafava suas emoções por completo, se emocionava.

Esta é uma história de 1973. São 46 anos em tese. Meus pais estão mortos. Nunca mais vi Lúcia. Talvez eu seja o único sobrevivente daqueles meses de pequenas felicidades, trabalho, estudo a começar e o mundo pela frente. Ou um mundo interrompido, voluntária ou criminosamente falando, o mais provável. Vivi para contar e chorar disso.



Com bom humor, Simone Kalil provoca em cena reflexões sobre sua profissão

Uma sucessão de ‘micos’ e gafes em cena

Simone Kalil leva a comédia ‘Assopra’ ao palco do Sesi Jacarepaguá

Dez anos após o sucesso de “Morde!”, a atriz Simone Kalil retorna aos palcos para celebrar 25 anos de carreira com a peça “Assopra”, uma comédia dramática que traz à tona divertidas histórias, micos e gafes, provocando risadas e reflexões sobre a vida e os desafios da profissão de artista no Brasil. O espetáculo está em cartaz aos sábados (20h) e domingos (18h) no Sesi Jacarepaguá.

“Assopra” não apenas continua o legado do trabalho anterior, mas também traz uma nova perspectiva, celebrando um importante marco na carreira de Simone Kalil. “A peça ‘Morde!’ era sobre essa energia de ‘morder’ a vida com vigor, e agora, em ‘Assopra’, eu trago

o mesmo estilo de humor em um monólogo repleto de histórias pessoais e situações inusitadas vividas durante minha trajetória”, conta a atriz.

Simone Kalil é conhecida por sua capacidade de transformar observações cotidianas em cenas memoráveis, capturando a essência da vida com um olhar cênico único. “De alguma forma, vejo a vida como uma sequência de cenas. O dia a dia está repleto de momentos hilários, embaraçosos e até surreais, que para mim, são pura inspiração. É esse tipo de obra autoral que me agrada. Eu acho que é muito orgânico quando a gente fala das nossas próprias vivências”, comenta Simone.

Além de trazer reflexões co-

tidianas, “Assopra” também expressa os desafios da profissão de artista no Brasil. Simone chega a fazer referência a um texto do escritor e dramaturgo Arthur Azevedo, de 1879, que já questionava as dificuldades enfrentadas pelos artistas. Esta escolha dramática revela uma realidade atemporal, destacando como, desde o século XIX até os dias atuais, pouco se avançou na valorização e nas condições de trabalho dos artistas. “A peça traz muito essa reflexão. Comemorar 25 anos, mas que comemoração é essa? O que nos faz questionar o verdadeiro valor e as complexidades inerentes à vida artística no país”, ela reflete.

Mas é com bom humor que Kalil decide provocar reflexões sobre sua profissão. Afinal, um dos pilares da comédia de Kalil é a capacidade de rir de si mesmo, uma abordagem que ela acredita ser fundamental para enfrentar as adversidades da vida. “Rir das próprias situações constrangedoras ou das adversidades é uma forma de cura e de levar a vida com mais leveza”, afirma a atriz.

SERVIÇO

ASSOPRA

Teatro Firjan Sesi Jacarepaguá (Av. Geremário Dantas, 940) Até 10/3, aos sábados (20h) e domingos (18h) Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

ENTREVISTA / ÍTALO MORICONI, CRÍTICO, CURADOR, ENSAÍSTA, POETA E PROFESSOR

'As redes afetaram sobretudo quem circula na literatura'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Organizador de antologias controversas e (por isso mesmo) essenciais, tipo “Os

Cem Melhores Contos do Século” e “A Poesia Brasileira do Século XX”, Ítalo Moriconi jura que está na muda. Anda em processo de desmame de uma carreira exemplar como educador, na qual treinou o olhar de legiões para entender o esporro existencialista e político entre as vírgulas da escrita. Seu “Literatura, Meu Fetiche” é a ruminação saborosa sobre o ato de ler como forma de resistência, como um “modo avião”, capaz de desligar o espírito humano do entorpecimento digital. Nesta terça, seu saber pantagruélico, temperado com o sal da ironia, abre as alas da programação 2024 do Instituto Estação das Letras (IEL), bunker carioca da criação e da reflexão literária. O encontro com o mestre será online, a partir das 18h, via Zoom, com inscrições abertas no symppla.com.br/iel. O impacto das políticas identitárias na prática de contistas, de romancistas, de cronistas e de poetas é o foco de sua fala sobre diversidade(s). A profusão de novas vozes decoloniais, antirracistas, indígenas e queers repagina prateleiras das livrarias e universidades, dois espaços nos quais Moriconi é celebridade. Na conversa (ou melhor, na aula) a seguir, ele esmaga chavões e prospecta caminhos para os verbos “ser”, “estar” e “ler”.

De que maneira a diversidade de vozes e de pautas que se faz notar hoje na prosa e na poesia brasileira se reflete na crítica literária? De que forma o “pensar artístico” entra em sintonia com o que é pensado?

Ítalo Moriconi: Acredito que as transformações que estão ocorrendo na prática, na literatura, nos textos propriamente ditos, estão sendo detectadas. Surge com elas uma nova crítica, muitas vezes não na imprensa, mas, em blogs. Pelas redes vai se desenvolvendo uma crítica ligada a essa nova literatura. Se você for olhar a produção universitária em Letras hoje, já nos exames de ingresso para mestrado e doutorado, ela está praticamente voltada para as questões identitárias, ou seja, para o contemporâneo. É muito forte essa presença. Há uma guinada nos estudos literários acontecendo, embora os temas clássicos continuem fortes. Por tema clássico, entenda tanto os temas clássicos da literatura em geral, quanto também o Modernismo, o século XX e a chamada geração marginal, que são temas “mais antigos”.

De que forma(s) esse recorte identitário libertou a literatura? De que forma ele gerou novos paradigmas nas raias do clichê?

Eu não sei se o recorte identitário libertou a literatura, mas suponho que ele seja uma transformação no cenário literário. Ele é uma ampliação da literatura. Como está ligada a processos sociais, até



Divulgação

mesmo revolucionários, essa luta identitária é uma dimensão política muito forte. Então, o que vemos é um momento de politização da literatura, como já tinha acontecido, por exemplo, nos anos 30 e 40 do século passado, quando a literatura era, de um lado, católica, de direita; e, de outro, era social, era socialmente orientada, com Graciliano Ramos, com Drummond. Havia polarização. Hoje a gente tem uma polarização social, e a literatura identitária está muito ligada a isso. Aí vão surgir os clichês e o processo natural de decantação vai acontecer aos poucos. Alguns escritores permanecerão, dependendo das suas futuras obras, ou ficarão ligadas a esse momento histórico que nós estamos vivendo. Agora, existe também, e muito, o perfil do escritor ou da escritora que parte para outra: faz filme, trabalha em outras esferas midiáticas, com imagem, visualidade. Essas coisas, elas estão interligadas, elas também explicam um pouco sobre a decantação. Assim, vai havendo uma progressiva consagração de alguns escritores tidos como os melhores, são lidos,

relidos, vão de uma geração para outra. Agora, os que ficam pelo caminho, muitas vezes, estão ficando pelo caminho não porque tenham abandonado a criação artística, mas porque foram para o audiovisual ou para outras formas de expressão.

De que forma os excessos digitais (toda a cultura midiática das redes) impactaram na literatura? Como a prosa hoje foi besuntada pelos códigos da web, na forma e no conteúdo? Na medida oposta... de que forma a leitura hoje serve de respiro para toda a dependência eletrônica em que vivemos?

Acho que a disseminação das redes - da mídia, da comunicação virtual, de todo esse universo - afetou muito realmente tudo que pode significar escrita e leitura na nossa sociedade. Portanto, afetou a criação literária que era apoiada num sistema cultural bem diferente, menos proliferante e muito focada na chamada leitura alfabética. Você vai ver respostas em matéria de texto com pretensão literária. Você vai ter respostas que adaptam

a linguagem. Existem alguns pontos das linguagens das mídias que se mantêm dentro de um conto ou de um romance. As redes afetaram sobretudo a maneira como a literatura circula e quem circula na literatura. Agora, a literatura, no sentido clássico da palavra, é, sim, um respiro, porque eu acho que ler é uma atividade. Existem vários tipos de leitura. Tem leitura oral... tem leitura militante... mas a leitura literária mais profunda, que é a leitura silenciosa, é um momento em que você se afasta de tudo e fica ligado no texto. Então ela é um respiro. Ela sempre foi um respiro. Hoje, manter o hábito da leitura pode até ser uma prática saudável, mesmo, para escapar dessa coisa vertiginosa que é a comunicação diária, em que a gente vive afogado, dependente dela, viciado nela.

Como anda a sua produção hoje, seja na organização de antologias ou na produção de conteúdo seu? O que esperar da sua prosa ensaística para o futuro?

Estou num momento de mudança de plumagem. Eu me aposentei totalmente da universidade, mas ainda tenho uma bolsa de pesquisa e quero fazer algum trabalho com Caio Fernando Abreu, a partir de um arquivo dele que está lá no Sul. É um projeto que eu vou encaminhar na universidade. Vou voltar à atividade em abril e tenho esboços de projetos de escrita na cabeça. A escrita ensaística vai depender muito da revisão que estou fazendo de todos os meus papéis para ver se sai um livro com algumas coisas já publicadas. Talvez eu queira acrescentar algo novo, mas aí levará algum tempo. Eu estou pensando em, durante esse ano, lançar um livro de poesia. Em matéria de ensaio e prosa, eu não sei. Talvez apareça algo mais para o final do ano ou no próximo ano só. Estou num momento de reflexão, de descanso e de mudança de registro. É a mudança daquele registro profissional do professor para um registro mais livre, vagando entre os livros e as bibliotecas, vagando entre as palavras e as autoras e os autores.

CRÍTICA / RESTAURANTE / SOFIA

Kátia Barbosa: o melhor da cozinha presente

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Kátia Barbosa. Kátia é sorriso, gargalhada, braços abertos, doação. Kátia fez um dos maiores presentes da culinária: transformou o mais carioca dos pratos, o emblema da cultura brasileira no famoso bolinho de feijoada. O dela não é um qualquer, né? E a massa do feijão, a farinha de mandioca, o bacon micro e bem frito e aquele ponto difícilíssimo da couve: a chamada crocância.

Kátia é samba, é choro, é balé

do Municipal. Kátia é Chiquinha Gonzaga. Kátia é Elizete Cardoso. Kátia não fez Cordon Bleu. Ela é branca, é amarela, é verde, é vermelho, é os frutos, legumes, verduras, os frutos do mar, dos rios e das florestas das coisas maravilhosas das terras brasileiras.

Kátia é o pôr do sol de bater palma, é subida da Pedra da Gávea, é ver o dia nascer da Igreja da Penha. Kátia é 10 com louvor. Kátia é brincadeira de roda e a coisa séria de fazer banquete para 5 mil pessoas. Kátia foi a primeira mulher a virar super-chef-midiática importante dessa cidade.

Katita agora tem novos velhos



Divulgação

Kátia Barbosa, uma chef plural que transborda talento em cada prato

ares de volta à Praça da Bandeira com o Restaurante Sofia em homenagem a sua mãe de 92 anos. Com a mesma coragem de menina, começando carreira e tome criatividade. Kátia não tem prato favorito, muito menos carro-chefe. Tudo é equilibrado, inventivo, sabores inusitados. Tudo certo, como 2 e 2 são quatro. E toda quarta e quinta tem Provinha, o menu de 3 etapas (entrada, principal e sobremesa) para sentir o pulso de novas receitas.

Kátia Barbosa é ela é carioca, é o melhor da cozinha dessa cidade. Kátia é o aconchego que nos apresenta.

SERVIÇO

SOFIA

Rua Barão de Iguatemi, 257-c, Praça da Bandeira.

De terça a domingo, (12h às 23h)

Instagram: @sofiarestauranterj

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Divulgação



Onde elas quiserem

A bartender Fran Sancí e a chef executiva Ana Carolina Garcia criaram cinco drinks para o Câm O'n Thai Food. Exclusivos da casa de Botafogo (Rua Visconde de Caravelas 111), os cocktails foram inspirados nos sabores tailandeses e usam elementos da cozinha do restaurante, comandada por mulheres: a chef Amanda Marques e a subchef Lailla Vianna. Entre os destaques, o Bang Rak Punch (bourbon, caramelo salgado, blend de chá de manga, limão e hortelã) e o Bloody Thai (vodka, bloody thai mix e suco de limão).

Divulgação

Divulgação



Prosa com elas

No mês das mulheres, Prosa Curadoria recebe, nos dias 9 e 10, edição especial da Feira de Pequenos Produtores, totalmente dedicada a produtoras e chefs mulheres! Pães especiais, geleias e massas artesanais, a melhor farofa do Rio, castanhas e pasta de castanhas incríveis, vinhos naturais, acarajé do Afrogourmet, quiches e tortas do Ateliê Culinário e muito mais. E na cozinha no sábado é Adriana do Pescados na Brasa e domingo é Mari do Bar da Frente. De 14h às 22h no sábado e até 20h no domingo. Fica na Rua Adalberto Ribeiro.



Presente do Peixoto

Para festejar o Dia da Mulher, o restaurante Peixoto Sushi preparou um presente para a ala feminina. As mulheres que forem ao local para consumir qualquer prato, ganham um vale de R \$50 para usar na Tea Shop, uma marca europeia de chás premium, localizada no shopping Rio Sul. E a comida do Peixoto Sushi já é um presente. Gerenciado pela proprietária Vivi, o Peixoto é total licença poética ao fusion, que combina elementos de diferentes tradições culinárias originárias de diferentes culturas. O brinde deve ser utilizado até dia até o dia 31.